

O Estado capitalista e a luta de classes

Sejam bem-vindos e bem-vindas a mais uma aula do nosso curso Classes e Movimentos Sociais. Nesta unidade, estudaremos o Capitalismo Industrial e a luta de classes originária das próprias contradições do sistema capitalista. Para tanto, recorreremos a Eric Hobsbawm e a Paul Thompson, por exemplo, para entendermos a formação da sociedade capitalista, as condições de trabalho e de vida relegadas à classe trabalhadora, considerando as peculiaridades do mundo do trabalho capitalista, e a reação dos trabalhadores e trabalhadoras à exploração da sua força produtiva. Por conseguinte, veremos também a crise do capitalismo e as lutas contemporâneas dos trabalhadores.

Vamos lá?

Objetivo

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Historicizar a formação da sociedade capitalista e os embates entre as classes sociais.

Conteúdo Programático

Esta unidade está organizada de acordo com os seguintes temas:

- Tema 1 - **A formação da sociedade capitalista industrial e a classe trabalhadora**
- Tema 2 - **A disciplina do trabalho e a luta de classe**
- Tema 3 - **Crise do capitalismo e as lutas de classes contemporâneas**

Assista ao vídeo [Man](#) (2020), do ilustrador inglês Steve Cutts. O curta-metragem demonstra a relação do homem com a natureza por meio dos modos de produção e reprodução capitalista, alimentada pelo consumo desenfreado que se tornou comum, a partir da formação da sociedade industrial.

Assim, ao estudar os conteúdos abordados nesta unidade, reflita sobre como o sistema capitalista mostra sua face destrutiva ao explorar os recursos naturais indiscriminadamente, transformando tudo em “commodities” (mercadoria).

Tema 1

A formação da sociedade capitalista industrial e a classe trabalhadora

Quais situações corroboraram para a emergência do capitalismo e, por consequência, o triunfo da burguesia europeia?

Iniciaremos nossa discussão refletindo sobre a nossa realidade atual. Vivemos em uma sociedade capitalista estruturada em classes e estamos tão acostumados a consumir produtos industrializados, que nem sempre paramos para pensar o quanto o processo envolvido na produção daquilo que consumimos — ou mesmo produzimos — revela do capitalismo.



Por exemplo, quando vamos ao mercado e compramos uma embalagem de pó de café, até esse produto chegar à prateleira, foi preciso que sua semente fosse adquirida e plantada, depois que o fruto fosse colhido, limpo, descascado, secado, torrado, moído, embalado, transportado e vendido para o comércio interno e externo.

Hoje, boa parte desse processo de **beneficiamento do café** pode ser feita a partir de maquinarias, demandando novas dinâmicas no mundo do trabalho, que basicamente pode ser constituído por detentores/detentoras dos meios de produção, pelos trabalhadores e trabalhadoras que vendem sua força de trabalho para sobreviver e, ainda, pelos consumidores e consumidoras.

As relações desses sujeitos posicionados em classes sociais distintas são regulamentadas pelo Estado e mediadas pelas leis do mercado.

Saiba mais

Beneficiamento do café

O beneficiamento de café configura-se como um conjunto de operações em que o objetivo é obter lotes homogêneos que atendam padrões de comercialização e ou industrialização (REZENDE; ROSADO; GOMES, 2007; MATIELLO *et al.*, 2002 *apud* SILVA; MORELI; JOAQUIN, 2015.)

Pense sobre o exemplo do café e vamos à nossa realidade para identificarmos as características da sociedade capitalista industrial. Considere que nem sempre essa foi a forma de produzir e consumir em uma sociedade, ou seja, a sociedade capitalista se constituiu em um processo histórico.

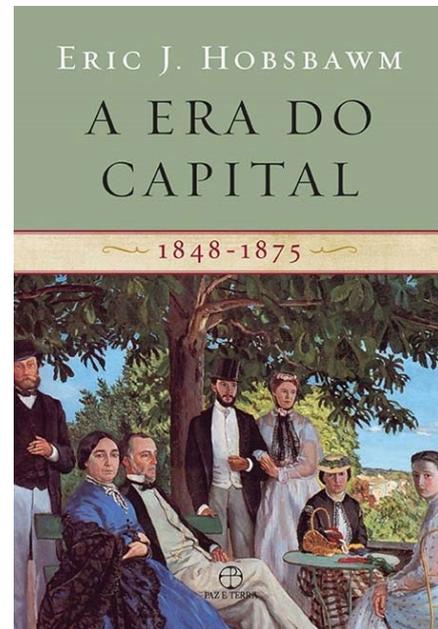
Afinal, de que processo histórico estamos falando?

Sabemos que hoje as mercadorias possuem formas de produção e circulação condicionadas pela industrialização e economia global, mas isso nem sempre foi assim. Se pudermos conversar com as pessoas mais idosas da nossa comunidade, provavelmente ouviremos de um tempo em que as pessoas costuravam suas próprias roupas, tinham hortas e criavam animais para garantir a sua própria alimentação, bem como histórias de pessoas completamente desassistidas de direitos trabalhistas — os quais estão novamente em crise. Ainda que você, estudante, tenha contato ou realize trabalho rural e/ou trabalho informal, a maneira de vivenciar essa experiência é muito diferente de 100 anos atrás.

Isso porque, no Brasil, o avanço da industrialização e da urbanização ocorreu principalmente de meados do século XX em diante. No entanto, o caso brasileiro está intimamente ligado ao processo histórico europeu, tendo em vista o seu histórico colonial a partir do século XVI.

Sendo assim, para falarmos da sociedade capitalista industrial, devemos considerar que ela é um desdobramento do capitalismo comercial instaurado pela Europa Moderna, que tinha como base a formação das monarquias nacionais, o desaparecimento dos laços feudais e as práticas econômicas mercantilistas, principalmente em relação aos territórios colonizados.

Nesse momento, a burguesia europeia acumulou riquezas possibilitando o desenvolvimento tecnológico, o surgimento do imperialismo e a emergência daquilo que **Eric Hobsbawm** denominou de a **Era do Capital**, que, para o autor, pode ser demarcado historicamente pelo período de 1848-1875.



HOBSBAWM, E. A era do capital: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

A ascensão do capitalismo, por suas contradições próprias, inaugurou o período de luta entre a burguesia e a classe trabalhadora. Não por acaso, na era do capital, temos a publicação do **Manifesto Comunista** (1848) e de **O Capital** (1867), entre tantos outros escritos de **Karl Marx**. O capitalismo, dessa maneira, passa a ser tema de muitos debates e, inclusive, de acordo com Hobsbawm:

“O triunfo global do capitalismo é o tema mais importante da história nas décadas que sucederam 1848.”

(HOBSBAWM, 2007, p. 19)

Saiba mais

Eric Hobsbawm (1917-1912), historiador britânico.

Karl Marx (1818-1883), filósofo, economista, jornalista, sociólogo, historiador e revolucionário socialista alemão.

Dito isso, vale destacar que, além da expropriação de riquezas dos povos originários da América, o acontecimento das Revoluções na França e da Revolução Industrial corroboraram para a emergência do capitalismo e, por consequência, para o triunfo da burguesia europeia.

Para nos ajudar a entender que sociedade triunfante era essa, destacamos outro trecho de Hobsbawm, apresentado a seguir:

“Foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender no mais caro. Uma economia assim baseada, e, portanto, repousando naturalmente nas sólidas fundações de uma burguesia composta daqueles cuja energia, mérito e inteligência elevou-os a tal posição, deveria — assim se acreditava — não somente criar um mundo de plena distribuição material, mas também de crescente felicidade, oportunidade humana e razão, de avanço das ciências e das artes, numa palavra, um mundo de contínuo e acelerado progresso material e moral.”

(HOBSBAWM, 2007, p. 19)

Apesar do reconhecimento do triunfo dessas ideias, Hobsbawm estava longe de ser um entusiasta dessa sociedade. Pelo contrário, também ponderou que, nesse ideal burguês, não havia espaço para a felicidade e oportunidade para a imensa classe trabalhadora. Segundo o historiador, na era do capital, propunha-se, no plano do discurso, que trabalhadores e trabalhadoras trabalhassem para ascenderem socialmente, porém, na prática, a vida e a expectativa não eram iguais para todos.

Entenda, no trecho destacado a seguir, a justificativa do autor para esta contradição:

“[...] nos países do Velho Mundo a classe média acreditava que os trabalhadores deveriam ser pobres, não apenas porque sempre tinham sido, mas também porque a inferioridade econômica era um índice adequado de inferioridade de classe. Se, como aconteceu ocasionalmente — por exemplo no grande *boom* de 1872-73 —, alguns trabalhadores chegassem a receber suficientemente para se darem ao luxo de desfrutar dos privilégios que os empregadores olhavam como seus direitos naturais, a indignação que isto levantava era sincera e vinha do fundo do coração. O que é que mineiros tinham a ver com pianos de cauda e *champagne*? Em países com carência de trabalhadores, hierarquia social subdesenvolvida e uma população operária truculenta e democrática, as coisas poderiam ser diferentes; mas na Inglaterra e na Alemanha, França e Império dos Habsburgos, diferente da Austrália e dos Estados Unidos, o máximo adequado para a classe trabalhadora era uma quantidade suficiente de comida boa e decente (preferivelmente sem muita bebida), um lugar modesto para vida social, vestimenta adequada para proteger a moral, e saúde e conforto sem arriscar uma tendência à imitação dos melhores na escala social. Esperava-se que o

progresso capitalista viesse eventualmente trazer os trabalhadores próximo a este ideal, e infelizmente (o que não implicava em aumentar salários) muitos ainda estavam abaixo deste nível. Portanto, era desnecessário, indesejável e perigoso aumentar salários além daquele limite.”

(HOBSBAWM, 2007, p. 304)

O paradoxo liberal das revoluções europeias

A partir das ponderações de Hobsbawm, podemos admitir que, em certa medida, os ideais de **Igualdade, Liberdade e Fraternidade** da Revolução Francesa circulavam no mundo burguês e criavam uma aparência mais civilizada para uma lógica social emergente e perversa com a maioria absoluta da sociedade.



Fonte: A liberdade guiando o povo, pintura de Eugène Delacroix - wikimedia Commons.

Não é difícil encontrar eco desse paradoxo burguês na nossa sociedade atual. Para exemplificarmos, podemos ter como parâmetro o filme **Que horas ela volta**, de 2015, protagonizado pela atriz Regina Casé, que viveu a personagem Val, uma mulher nordestina, empregada doméstica, que morava na casa dos seus empregadores e que, embora fosse tratada como “da família”, sofria uma série de violências simbólicas no seu cotidiano. Em uma das cenas, ela presenciou a piscina ser esvaziada, a mando da patroa, depois que Jéssica, filha de Val, entra na piscina e se diverte com o filho dos patrões.

Curiosidade

Filme *Que horas ela volta*

Sinopse:

A pernambucana Val (Regina Casé) se mudou para São Paulo a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. Com muito receio, ela deixou a menina no interior de Pernambuco para ser babá de Fabinho, morando integralmente na casa de seus patrões. Treze anos depois, quando o menino (Michel Joelsas) vai prestar vestibular, Jéssica (Camila Márdila) lhe telefona, pedindo ajuda para ir à São Paulo, no intuito de prestar a mesma prova. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que quando ela deixa de seguir certo protocolo, circulando livremente, como não deveria, a situação se complica.

Sinopse extraída do [Site](#).

Aproveitamos para lembrar que o trabalho doméstico, no Brasil, tem origem no trabalho de sujeitos escravizados durante o período colonial, tendo sido devidamente regulamentado apenas em 2015.

Assim, evidenciamos continuidades, no tempo presente, de um discurso liberal que maquia a desigualdade social e a perversidade do capitalismo. Essas questões, aliás, podem ser problematizadas pelo fato de a Revolução Industrial ter suprimido a revolução política reivindicada pelos franceses. Destacamos o trecho a seguir, em que o autor embasa essa questão:

“A Revolução Industrial (inglesa) havia engolido a revolução política (francesa). A história de nosso período é, portanto, desequilibrada. Ela é primariamente a do maciço avanço da economia do capitalismo industrial em escala mundial, da ordem social que o representa, das ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, ciência, progresso e liberalismo. É a era da burguesia triunfante, mesmo que a burguesia europeia ainda hesitasse em assumir um papel político público.”

(HOBBSAWM, 2007, p. 21)

O avanço do capitalismo industrial veio acompanhado do surgimento das fábricas e da propriedade privada. Defendia-se que o Estado pouco deveria interferir na economia, deixando o mercado livre para se autorregular. Por isso, Hobsbawm identifica o triunfo da revolução industrial sobre a política.

Sobre a relação das revoluções francesas, Hobsbawm evidencia que a revolução industrial legou o triunfo do capitalismo liberal, que tinha seus ideólogos políticos burgueses seguidos de uma massa movida pelo afã de tornar revoluções liberais, de caráter moderado, em revoluções sociais. Observe o trecho apresentado a seguir, no qual o autor complementa esta ideia:

“Portanto o dualismo da revolução de 1789 a 1848 dá à história deste período unidade e simetria. É fácil, num certo sentido, ler e escrever sobre este assunto, pois parece possuir tema e forma claros, assim como seus limites cronológicos parecem tão precisamente definidos quanto é possível no que diz respeito a assuntos humanos. Com a revolução de 1848, [...] a antiga simetria quebrou-se, a forma modificou-se. A revolução política recuou, a revolução industrial avançou. Mil novecentos e quarenta e oito, a famosa “primavera dos povos”, foi a primeira e última revolução europeia no sentido (quase) literal, a realização momentânea dos sonhos da esquerda, os pesadelos da direita, a derrubada virtualmente simultânea de velhos regimes da Europa continental a oeste dos impérios russo e turco, de Copenhague a Palermo, de Brasov a Barcelona. Foi esperada e prevista. Pareceu ser a consequência e o produto lógico da era das duas revoluções.”

(HOBSBAWM, 2007, p. 20)

As Revoluções de 1848 não foram bem-sucedidas se pensadas sob a perspectiva de movimento. No entanto, por outro lado, foram capazes de abalar as estruturas políticas e econômicas da época, tendo em vista, por exemplo, a conquista do sufrágio universal masculino, na França.

O fracasso da revolução significou o triunfo da sociedade burguesa capitalista.

Depois dessa tentativa, nenhuma outra veio a acontecer na Europa — as revoluções sociais socialistas, por exemplo, aconteceram em lugares como México e Rússia. Com isso, as circunstâncias ideais para o desenvolvimento da economia privada na Europa foram instauradas.

Representando a angústia diante da não superação das desigualdades sociais, apresentamos, a seguir, o poema que Hobsbawm elege como epígrafe do capítulo **A cidade, a indústria, a classe trabalhadora**:

“Agora eles fazem até o nosso pão diário
Com vapor e com turbina
E muito em breve, a nossa própria conversa
Vamos empurrá-la com uma máquina
Em Trautenau há duas igrejas,
Uma para os ricos e outra para os pobres;
Nem mesmo na sepultura
É o pobre desgraçado seu igual.”

Poema in Trautenau Wochenblatt, 1869 apud HOBSBAWM, 2007, p. 291.)

Notamos, por meio desse poema, o sentimento daqueles e daquelas que testemunharam as transformações no mundo do trabalho em transição para o capitalismo industrial. Em contraposição ao otimismo e ostentação burguesa, consolidada na exploração na força produtiva dos trabalhadores e trabalhadoras, estes eram relegados a conviver em moradias e ambientes de trabalho insalubres, e constatar a distinção social até na hora da morte.

Nem nas sepulturas as classes seriam iguais. Contudo, por seus privilégios, a burguesia pagou um preço: o medo da iminente revolução do proletariado.

Tema 2

A disciplina do trabalho e a luta de classes

Como as gerações de classes trabalhadoras lidaram com as alterações de concepção de tempo?

Pense um pouco sobre sua relação com o trabalho. Quanto tempo do seu dia é destinado a trabalhar ou ter lazer? Já considerou o quanto você depende de uma outra pessoa dedicando o próprio tempo ao trabalho para que você tenha acesso a alimentos, vestimentas, meios de transportes, medicamentos etc.?



Importante!

De alguma maneira, a experiência da pandemia de Covid-19, que teve início no Brasil em março de 2020, convocou nossa sociedade a considerar essas questões e a necessidade de dinâmicas de disciplina do trabalho. Por exemplo, com o isolamento social, alguns trabalhadores e trabalhadoras puderam realizar o home office, e isso só foi possível porque novas dinâmicas no mundo do trabalho foram estabelecidas. Foram tempos difíceis, quando, além de médicos e enfermeiras, entregadores e motoristas de aplicativo realizaram o trabalho essencial de fazer circular mantimentos e remédios. Embora novos modos de viver e trabalhar tenham sido promovidos, houve o estranhamento da classe trabalhadora por não mais viver a mesma rotina e a disciplina do local de trabalho.



Fazemos essa problematização no início desta nossa aula, pois as concepções sobre os hábitos de trabalho de uma época, assim como a classe social e o gênero ao qual pertencemos são elementos que constituem a nossa subjetividade, nossos costumes e as formas de nos inserirmos no mundo do trabalho e compreendermos o tempo.

As formas de percepção e vivência são históricas e, de acordo com Edward P. Thompson, a transição para a sociedade capitalista foi um momento de rupturas significativas nas estruturas de disciplina de trabalho e as concepções de tempo, que, inclusive, podem nos ajudar a refletir sobre o nosso próprio presente.

Tempo, Disciplina do Trabalho e Capitalismo Industrial

Preocupado com a temática da disciplinarização do trabalho e as consequências para a classe trabalhadora, o historiador inglês escreve o capítulo ***Tempo, Disciplina do Trabalho e Capitalismo Industrial*** presente no livro **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**.

No início do seu texto, o autor demonstra como, a partir da literatura, podemos evidenciar as transformações nos modos de perceber o tempo no transcorrer do século XIV ao XVII na Europa Ocidental. Logo, apresenta a aparição do galo em textos literários como recurso natural de marcação do tempo e cita o Conto de Canterbury, apresentado a seguir:

“[Chantecler] Levantou o olhar para o sol brilhante
Que no signo de Touro percorrera
Vinte e tantos graus, e um pouco mais,
Ele sabia pela natureza, e por nenhuma outra ciência,
Que amanhecia, e cantou cora voz alegre [...].”

(THOMPSON, 1998, p. 268)

Podemos facilmente supor que, na ausência de relógios mecânicos, era a natureza que exercia o papel importante de situar a vivência humana no tempo. Contudo, Thompson dá evidências das diversas formas que essa relação pode ser estabelecida, ao tratar do caso dos povos ditos primitivos, assim como argumenta que outros instrumentos de medição eram utilizados quando, por exemplo, recorria aos valores e culturas de famílias diante do trabalho — doméstico ou não. O tempo do trabalho doméstico, o trabalho no campo, assim como outras formas de atividades humanas, era utilizado para estabelecer marcações de tempo.

O argumento fica mais claro quando o texto recorre ao estudo de Evans-Pritchard e sua análise da medição do tempo dos Nuer, que se fundamentava na rotina das atividades pastoreias, sendo o próprio gado o “relógio doméstico”. A seguir, destacamos o trecho em que o autor menciona esse exemplo:

“Entre os nandi, a definição ocupacional do tempo evoluiu, abrangendo não apenas cada hora, mas cada meia hora do dia — às 5h30 da manhã os bois já foram para o pasto, às 6 h as ovelhas foram soltas, às 6h30 o sol nasceu, às 7 h tornou-se quente, às 7h30 os bodes já foram para o pasto etc. uma economia inusitadamente bem regulada.”

(THOMPSON, 1998, p. 269)

Leitura

Para saber mais sobre os povos “Nuer” e suas noções de tempo, acesse [Os Nuer](#).

Em outras culturas, outros afazeres domésticos assumem o papel de medidor de tempo, como em Madagascar, onde se considera o tempo necessário para um arroz ser cozido (meia hora) ou um gafanhoto ser frito (um momento) (THOMPSON, 1998, p. 269-270).

Dessa maneira, os ritmos da natureza, os costumes, os afazeres — domésticos ou da agricultura e criações — conduziam a relação que as sociedades pré-industriais estabeleciam com o passar do tempo. As festas, as estações do ano, o tempo de cozimento do arroz etc. davam ritmo à vida, até que foram, paulatinamente, substituídos pelo relógio mecânico com a emergência do capitalismo industrial.



Segundo Thompson, foi a partir do século XVIII que o relógio foi incorporado pela lógica das fábricas, e, portanto, essa invenção medieval passa a ocupar centralidade nas relações de trabalho.

Em outras palavras, a partir da Revolução Industrial e a emergência de uma lógica fabril com demandas de maior produtividade e, por consequência, maior exploração da força de trabalho, que a implantação do relógio nesses ambientes veio desempenhar um papel fundamental na mudança de hábitos e costumes e significação do tempo.

A esse respeito, Thompson (1998) explica que, enquanto a manufatura era produzida em escala doméstica ou em oficinas de pequeno porte, o grau de sincronização do tempo e trabalho era menor (p. 280). Para entendermos melhor o que seria essa sincronização, basta pensarmos que o tecelão do século XVIII não reservaria oito

horas do seu dia para produzir suas peças, pois ele dedicaria parte do dia à colheita, ao cuidado dos animais, podendo dedicar poucas horas de suas manhãs e suas noites para a tecelagem. Além disso, precisaria reservar tempo para o transporte de materiais, ou ainda, participar de associações e enforcamentos públicos.

Havia irregularidades no tempo e disciplina do trabalho, como também havia mais tempo voltado ao lazer. (THOMPSON, 1998, p. 281). Não havia problema em respeitar um ritmo natural do trabalho e, assim, dormir uma hora a mais e deixar para trabalhar no período da noite, à luz de velas. Inclusive, segunda-feira era considerada um prolongamento do domingo, um dia para se trabalhar menos.



Na época em que os homens e as mulheres estavam no controle de sua vida produtiva, o padrão de trabalho era intercalado por momentos de atividade intensa e outros de ociosidade. (THOMPSON, 1998, p. 282).

A partir do século XIX, contudo, intensifica-se a demanda por uma maior sincronização de tempo e trabalho pela lógica industrial, orientada pela lógica do lucro dos detentores de meios de produção. Dessa maneira, os trabalhadores e as trabalhadoras que podiam atender suas necessidades de dormir mais, parar para comer quando estivessem com fome e, mesmo se divertirem quando tivessem oportunidade, tiveram que transitar para um mundo do trabalho em que o tempo e o trabalho eram regulados pelo relógio e expectativa de produtividade em horas trabalhadas de maneira contínua no espaço da fábrica.

Sendo assim, a epígrafe que Thompson escolhe para abrir seu texto sobre disciplina do trabalho e tempo pode nos causar um estranhamento. Nela, um senhor reage com certa indiferença quando lhe é desejado que Deus o ajude a terminar logo um trabalho, conforme podemos conferir a seguir:

“Mantínhamos um velho criado, cujo nome era Wright, trabalhando todos os dias, embora fosse pago por semana, mas ele fazia rodas por ofício [...]. Certa manhã aconteceu que, tendo uma carroça quebrado na estrada [...], o velho foi chamado para consertá-la no lugar em que o veículo se encontrava; enquanto ele estava ocupado fazendo o seu trabalho, passou um camponês que o conhecia, e o saudou com o cumprimento de costume: Bom dia, velho Wright, que Deus o ajude a terminar logo o

seu trabalho. O velho levantou os olhos para ele [...] e, com uma grosseria divertida, respondeu: Pouco me importa se ele ajudar ou não, trabalho por dia.”

(DEFOE apud THOMPSON, 1998, p. 267)

Estranhamos a reação do senhor, porque a rapidez e a produtividade são valores fundamentais para a nossa sociedade. A produção industrial exige maior sincronização de trabalho, bem como maior exatidão nas rotinas. Ascende, assim, um tempo condicionado ao uso recurso tecnológico a partir da exploração da mão de obra, e o mundo do trabalho não é mais regido pelos ritmos da natureza ou atividades domésticas.

Para a consolidação do capitalismo industrial, a classe trabalhadora precisou interiorizar uma nova percepção do tempo. No início, houve muita resistência: como convencer aquele que guardava a segunda-feira de que ele precisava estar em pleno desempenho neste dia, mesmo depois de horas de diversão nas tavernas?

Livro de leis da Siderúrgica Crowley

A alternativa encontrada pelos patrões foi instituir severas doutrinas mercantilistas para combater o ócio e ampliar os desempenhos. Dessa maneira, a estratégia era manter os salários baixos e realizar o registro do tempo de trabalho. Isso pode ser demonstrado no **Livro de leis da Siderúrgica Crowley**. Nele, o proprietário formula um código disciplinar que determina que apenas as horas efetivamente trabalhadas deveriam ser pagas, então argumenta que as 13 horas de serviço deveriam ser calculadas, sendo descontadas as idas às cervejarias, o tempo tirado para alimentação, descanso, conversa, e previa desconto das horas de lutas e brigas. O responsável pelo controle era o supervisor e diretor da fábrica, que deveria ter um registro de entradas e saídas. Para não haver erro no controle das atividades, elegia-se um relógio para marcar o tempo, sendo autorizado ao diretor da fábrica a manter esse relógio trancado para que suas horas não fossem alteradas. Sobre a rotina do trabalho nesse ambiente, Thompson explica que às cinco da manhã era tocado o sino para o início da atividade, depois às oito para o café da manhã, com duração de meia hora, seguido por um sinal ao meio-dia para o almoço de uma hora, encerrando-se o dia às 20:00 horas (THOMPSON, 1998, p. 289-290).

Saiba mais

Thompson utilizou como fonte de pesquisa o Livro de leis da Siderúrgica Crowley. A obra resulta do interesse do autocrata Crowley em projetar todo um código civil e penal para o ambiente de sua fábrica. A obra chegou a ter mais de 100 mil palavras destinadas a lidar com o que eram consideradas forças de trabalho rebeldes.

Partindo das exigências do patrão da siderúrgica Crowley, podemos reconhecer como as reivindicações dos trabalhadores conquistaram direitos como férias, 13º salário e escalas de trabalho que garantem mais dignidade nos trabalhos formais. Por outro lado, podemos refletir o quanto a luta da classe trabalhadora é contínua, considerando que a seguridade social não alcança os trabalhadores informais, que aumentam em número em momentos de crise, tendo como consequência o desemprego.

Podemos notar como eram exaustivas as jornadas de trabalho. Ademais, convém salientarmos que essas longas jornadas eram cumpridas em ambientes insalubres das fábricas no século XVIII, XIX e mesmo XX, afinal eram espaços que não tinham normas sanitárias e de segurança do trabalho a obedecer.

Os trabalhadores e as trabalhadoras passavam horas a fio realizando atividades repetitivas, sincronizadas e sem sentido, um momento de desatenção gerado por cansaço poderia pôr em risco a vida de um trabalhador e de seu grupo. Outro problema que podemos levantar era a carência alimentar, já que esses trabalhadores e trabalhadoras não contavam com a mesma disponibilidade de tempo para se dedicarem ao cultivo de animais e gêneros agrícolas, assim como eram mal remunerados. No caso das mulheres, além dessa rotina da fábrica, ainda eram atribuídas a elas responsabilidades domésticas, sendo suas moradias, muitas vezes, cortiços precários.

Importante!

Destacamos que a transição para essa lógica capitalista no mundo do trabalho não se deu sem resistência. Quanto a isso, Thompson explica que no primeiro momento houve uma simples resistência, seguida de uma luta mais organizada, mas, com o tempo, foram incorporando uma nova relação. A esse respeito, o historiador inglês ponderou:

“A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda geração formou os seus comitês em prol de menos tempo de trabalho no movimento pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual adicional (1,5%) pelas horas trabalhadas fora do expediente. Eles tinham aceitado as categorias de seus empregadores e aprendido a revidar os golpes dentro desses preceitos. Haviam aprendido muito bem a sua lição, a de que tempo é dinheiro.”

(THOMPSON, 1998, p. 294)

“Tempo é dinheiro”



Crédito editorial: ADragan / Shutterstock.com

Ao incorporar a noção de que “tempo é dinheiro”, a classe trabalhadora conquistou maiores direitos, mas, por outro lado, a internalização da disciplina gerou a crise do ócio. Para Thompson, a ética puritana incentivou o desenvolvimento de um relógio moral interior. A ideia “tempo é dinheiro” levou à necessidade de lidar com o tempo de maneira utilitária, fazendo do lazer um problema. Nessa linha de raciocínio, o argumento thompsoniano estabelece relações com o presente, quando o historiador inglês se pergunta como as indústrias de entretenimento no futuro iriam lidar com a questão do tempo, já que constata: “Na sociedade capitalista madura, todo tempo deve ser consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’” (THOMPSON, 1998, p. 298).

Nota

Já se passaram trinta e um anos da primeira edição do livro **Costumes em Comum** e, quando Thompson se refere ao desafio do entretenimento e do lazer nas sociedades industriais do futuro em 1991, nem se cogitava que o mercado encontraria nas redes sociais uma forma de fazer o sujeito produzir informação com a sensação de estar se entretendo. Não por acaso o Facebook, apenas por coletar informações de seus usuários, é hoje uma das empresas mais valiosas do mundo.

Feitas essas considerações, podemos refletir: como temos lidado com o nosso tempo e nossa disciplina de trabalho?

Tema 3

Crise do capitalismo e as lutas de classes contemporâneas

Na contemporaneidade, quais perspectivas caracterizam a crise do capitalismo e o lugar da luta de classes?

Nesta aula, pensaremos a respeito das crises capitalistas contemporâneas e os debates sobre a luta de classes.

Iniciaremos imaginando a sociedade industrial capitalista e a classe trabalhadora ao final do século XIX: o tempo que separa o presente desta sociedade da experiência do passado vivido por ela, que hoje só pode ser pensada por meio de uma leitura histórica, nos impôs diversas mudanças sociais, culturais e econômicas, principalmente, nas formas de produção e reprodução capitalista e nas relações de trabalho.

Quais transformações podemos identificar?

Onde estão situadas as lutas de classes na atualidade?

Muitos sociólogos, filósofos, historiadores, entre outros pensadores das Ciências Humanas, se apropriaram do conceito de **classe**, a partir do marxismo, para analisar as contradições presentes no capitalismo, que geram diversas mazelas sociais, em uma relação de dominação e exploração.

Qual é a sua classe social?

No nosso tempo, as relações de classe se tornaram extremamente complexas, por exemplo, quando nos referimos ao proletariado. Quem é o proletariado hoje em dia?

Para refletir

Temos testemunhado índices altíssimos de desemprego no Brasil, acarretando um contexto em que o trabalhador desempregado se torna “empreendedor”, não porque domina o capital, mas justamente porque não consegue se sustentar, neste sistema, em um trabalho que lhe dê segurança. Muitos trabalhos são precarizados, ou seja, os sujeitos dispõem apenas de sua força de trabalho para sua sobrevivência e de sua família, sem nenhum tipo de garantia. Assim, a pergunta “Qual é a sua classe social?” acaba sendo difícil de ser respondida, pois, enquanto nos séculos XIX e XX, a massa proletária, formada pelos operários de indústria ou campesinato, era identificável, hoje a categoria de proletário é diluída dentro das formas e relações de trabalho.

A dificuldade da organização da classe em torno da busca de seus direitos tem sido uma das questões-problema dos séculos XX e XXI, juntamente com a própria dificuldade da organização de partidos e grupos de cunho socialistas, que, historicamente, têm, na causa do trabalhador, sua pauta principal. Certamente, os teóricos liberais do século XIX, quando debateram a crise do capitalismo na época, não seriam capazes de imaginar o quão destrutivo o sistema se tornaria, nem tampouco como mesmo os conceitos de classe e lutas se ampliariam na forma como são hoje.

Crises do capitalismo



Desempregados na fila para doação de sopa e café. Chicago, 1931.

Em diversos momentos da História, o capitalismo engendrou crises que culminaram em verdadeiras catástrofes econômicas e sociais.

Basta lembrar da crise de 1929, nos Estados Unidos, que surgiu justamente do excesso de produção sem que houvesse consumidores com poder aquisitivo suficiente para atender à oferta. O sistema econômico entrou em colapso, levando muitas pessoas e empresas à falência, ou mesmo à pobreza extrema.

A crise atingiu a esfera global, inclusive o Brasil, que tinha os Estados Unidos como seu maior comprador de café, produto que representava cerca de 90% da exportação do país.

Leia a seguir a visão do cientista social Marcelo Braz sobre a natureza da crise do capital:

“Ela é movida pela natureza contraditória do desenvolvimento capitalista que, ao potencializar seu processo de reprodução ampliada (sua própria acumulação de capital), reproduz os fatores que exponenciam suas contradições e acionam crises que, desde as últimas décadas do século XX, têm maior duração e se exprimem em períodos menos espaçados (e sem ondas longas expansivas), alternando períodos (espasmódicos) de crescimento, auge, crise, recessão/depressão, retomada.”

(BRAZ, 2012, p. 47)

É justamente nas contradições que podemos ver agir a natureza, também destrutiva, da produção capitalista.

Não há mais nenhum tipo de autorregulação do sistema “*autometabólico*” do capitalismo, ou seja, da ideia de que o próprio mercado se autorregula e regula a sociedade para o bem-estar dos cidadãos.

O caráter da crise tem se apresentado permanente em vez de colocar-se em sua forma cíclica — de tempos em tempos. Ainda que o capitalismo contemporâneo engendre possibilidades para a classe trabalhadora, elas, na verdade, se apresentam como paliativas e conciliatórias. Em outras palavras, as brechas no Estado capitalista, em vez de viabilizarem um novo projeto de sociedade, acabam sendo usadas para assegurar e reproduzir a ideologia burguesa. Dessa forma, o trabalho torna-se parceiro do capital e seus representantes — os representantes do capitalismo no governo (BRAZ, 2012).



O capital não foi capaz, como acreditava a ordem burguesa, de produzir igualdade; pelo contrário, gerou misérias tanto nos países centrais e periféricos, quanto no interior de cada nação. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulgou, em 2021, que 1,3 bilhão de pessoas vivem em estado de pobreza no mundo.

Somado a esta questão, o desenvolvimento atual das forças produtivas perdeu o parâmetro, de modo que tudo passa a poder se transformar em “*commodities*”, ou seja: mercadoria.

Em meados do século XIX, Marx e Engels afirmavam que o modo de produção capitalista já havia produzido riquezas em um volume de excedentes nunca visto em época nenhuma.

O que é o excedente?

Tudo aquilo que se produz, para além da sobrevivência, é o que gera o capital e se concentra nas mãos de poucas pessoas (os capitalistas) que detêm este excedente, porque dominam os modos de produção.

O modo de produção capitalista e a crise no meio ambiente



Considerando nossos estudos até aqui, podemos agora pontuar a exploração indiscriminada e agressiva do meio ambiente. Segundo especialistas, se continuarmos neste ritmo, principalmente para atender os países superpopulosos, precisaríamos de pelo menos dois planetas Terra (BRAZ, 2012, p. 475).

Para acessar dados sobre a crise ambiental, acesse [**Dia da sobrecarga da Terra | Overshoot day.**](#)

Minérios, petróleo e outras matérias-primas são considerados recursos naturais que estão na base capitalista, ou seja, aqueles que servem de base para mercadorias tecnológicas. Como exemplo, podemos citar extração de lítio e nióbio, que foram explorados intensamente.

Não ao acaso, há os investimentos que tornam exploráveis diversos recursos e produtos provenientes de matérias-primas naturais. Trata-se da “financeirização do capital” (BRAZ, 2012), que se dá basicamente por quatro vias, apresentadas a seguir.

Migração para áreas ainda inexploradas

São áreas que podem fornecer novos espaços de acumulação de capital.

Avanço sobre a natureza

Industrialização e mercantilização dos recursos naturais.

Investimento na produção de artefatos bélicos

Esta via supõe a criação de conflitos e guerras.

Investimento nos setores rentistas

Esta via se dá preferencialmente nos segmentos de renda fixa, que melhor remuneram o capital, como os títulos das dívidas públicas de países.

A luta de classes no cenário atual

Diante do cenário apresentado, é necessário pensarmos em como entender as lutas de classes nos nossos dias.



No início do século XX, a oposição ao sistema capitalista estava e está centrada em grupos que se ligavam aos pensamentos socialistas e comunistas. Porém, a queda do muro de Berlim, em 1989, e o fim do comunismo na Alemanha foi um marco que deu início à incursão global do capitalismo, com poucos resistentes, como Cuba e Venezuela, na América, e China (já não mais tão comunista) e Coreia do Norte, na Ásia.

Aqui, estamos nos referindo à resistência ao capitalismo, de forma organizada, a partir do Partido Comunista, que historicamente insurge na Revolução Russa como alternativa à sociedade capitalista. Tratava-se, sobretudo, de um projeto para a sociedade a partir da coletividade e de bens comuns.

Para entender o que é, de fato, o conceito de comunismo, acesse o **Dicionário de conceitos históricos**. Nele, é possível perceber como o conceito se constituiu e embasou a revolução popular na Rússia, extinguindo o sistema czarista, dando origem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS.

O movimento Occupy



No cenário atual, as crises — principalmente a de 2008, iniciada nos Estados Unidos, que atingiu grande parte do capital financeiro global — despertaram uma série de greves e protestos, junto à situação de desemprego, pobreza e falências. Nesse contexto, destaca-se o movimento “**occupy**”, que ocupou centros próximos a **Wall Street**, liderado por um grupo que se autointitulava “indignados”.

Saiba mais

Wall Street:

Rua de Manhattan, Nova Iorque, é o centro econômico onde se localiza a principal bolsa de valores do mundo.

No entanto, o movimento não apresentou organização em prol de um projeto de sociedade, ou seja, não apontava a horizontes com perspectivas de mudança da sociedade ou ruptura com o capitalismo.

Sobre a liderança dos “indignados”, destacamos o trecho a seguir, do autor Marcelo Braz:

“Não há no seu horizonte a articulação de um projeto societário alternativo ao do capital, ainda que este seja repudiado tanto entre as lutas defensivas e de resistência dos trabalhadores quanto entre as mobilizações dos chamados “indignados”. O difuso “socialismo do século XXI” expressa-se mais como um conjunto de princípios (que devem ser considerados!) que podem, no máximo, nortear agendas de lutas contra o capital em favor do trabalho, apontando para uma articulação anti-imperialista, o que, deve-se esclarecer já é um grande passo.”

(BRAZ, 2012)

Para refletir

Vale destacar que, para o autor, o fato de não haver um projeto societário não significa ausência da luta de classes; a questão é saber como andam, em que patamar estão. Há um consenso entre pesquisadores que as lutas esmoreceram junto com os movimentos de esquerda. A dissolução das experiências socialistas abriu via para a hegemonia do capital, estabelecendo uma longa onda contrarrevolucionária, assim como o fortalecimento das forças conservadoras, tanto de direita, como de esquerda. As conservadoras da direita, afirmam o fim da História, e as de esquerda “namoram com o capital”.

Procure observar a sua volta as discussões e debates acerca desse tema e reflita sobre como você entende a luta de classes no seu contexto de existência.

Novas lutas?

Nas transformações sociais ocorridas em fins do século XX para o XXI, vimos surgir uma série de outros sujeitos sociais. Nas décadas de 1970 e, com mais intensidade 1990, as lutas até então conhecidas foram diversificadas, com a inserção de novos sujeitos sociais nesse universo — indústrias fabris, até as mais variadas, perpassando diversas questões culturais, étnicas, ambientais, de gênero etc.

Ainda que os cenários de lutas tenham se ampliado significativamente, a dimensão classista não se esvaiu. Há um consenso entre os pesquisadores marxistas de que não há capitalismo sem luta de classes. Em outras palavras: enquanto as forças do capital dominarem a produção social, as forças do trabalho se insurgirão e, da mesma forma, a luta de classes impulsiona o capitalismo para as inovações que se voltam contra o trabalho.

Talvez, os modelos antigos de lutas, centrados em partidos revolucionários, não considerem inovações próprias do nosso tempo e, por isso, é preciso fazer a análise da realidade de modo, que se pense a sociedade atual e suas complexidades, dentro do viés de classe organizada, para se avançar e não apenas resistir.

Com novos atores sociais e pautas distintas que atravessam a luta de classes, outros problemas teóricos têm se colocado aos cientistas sociais. A crise da luta de classes se encontra mais no sentido da organização da luta de classes partidárias, a qual teria perdido força com o enfraquecimento da possibilidade de revolução proposta pelo socialismo e comunismo. A proposta de uma superação revolucionária, pautando-se na totalidade, para a superação do capitalismo, se diluiu, tanto no plano teórico (com os aportes da pós-modernidade, cuja intelectualidade não reside no compromisso da transformação da realidade social), como também no campo da ação organizada e na reafirmação de um individualismo aburguesado.

O que queremos dizer com isso?

Que, na atualidade, a localização da luta de classes, como um todo, organizada por meio de partidos revolucionários, perdeu sua força, principalmente com a fragmentação em partidos reformistas. Com isso, não queremos dizer que as lutas de classes deixaram de existir. Na atualidade, diversos coletivos, grupos, instituições, entre outros, têm se organizado em torno de pautas ambientais, de gênero, étnico-raciais — que são atravessadas, também, pela questão classista.

Trata-se de imbricações entre gênero, classe e raça, que se realizam e se inter cruzam dentro de um sistema de dominação e exploração. As questões do machismo, da homofobia e do racismo, embora tenham construções históricas próprias, no capitalismo, elas estão imbricadas, justamente, no corte de classes. Isso porque a pobreza, a marginalidade e a exclusão social, geradas pelo próprio sistema, perpassam todas elas.

Identitarismo e representatividade

As ideias de representatividade de gênero e raça têm suscitado diversos debates no cenário atual, fundamentados principalmente nas correntes identitárias, surgidas com as teorias pós-modernas. Podemos apontar movimentos como LGBTQIAP+,

antirracistas e levantes populares, como o que ocorreu em 2020, após a [morte de George Floyd, nos Estados Unidos](#).

No cerne dessas questões, como perpassam as lutas de classes?

Para guiar sua resposta, sugerimos outra pergunta: se George Floyd fosse um bilionário, ele teria as mesmas chances de ser assassinado?

Sabemos que o racismo também é um fato que ocorre nas classes mais elevadas, porém, é consenso que nas periferias, onde vive a maioria da população negra, a violência e a repressão policial é muito maior, ou seja, perpassa a questão da raça, mas também da classe.

Nessa aula, procuramos demonstrar algumas perspectivas sobre os debates e questões acerca da crise do capitalismo e o lugar das lutas de classes no cenário atual. Podemos considerar, porém, não concluir que há, de fato, um esmorecimento em torno das lutas relacionadas às questões econômicas voltadas à superação do sistema capitalista, como foi colocado.

Hoje, é possível perceber que há uma força contrarrevolucionária, que pende para conciliações e não para a superação do sistema capitalista, como propunham as ideologias socialista e comunista. A isso, se deve também o enfraquecimento das lutas de classes organizadas em torno de partidos.

Para refletir

Hoje, é possível perceber que há uma força contrarrevolucionária, que pende para conciliações e não para a superação do sistema capitalista, como propunham as ideologias socialista e comunista. As lutas de classes, organizadas em torno de partidos revolucionários, se enfraqueceram à medida que existe uma política de conciliação com o capitalismo e não de sua superação.

Na próxima aula, veremos algumas perspectivas e debates em torno dos movimentos sociais e sua importância na sociedade civil.

Vídeo

Para saber mais, assista ao vídeo publicado na unidade da disciplina no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Encerramento

Quais situações corroboraram a emergência do capitalismo e, por consequência, o triunfo da burguesia europeia?

Corroboraram para a emergência do capitalismo e, por consequência, para o triunfo da burguesia europeia, além da expropriação de riquezas dos povos originários da América, também o acontecimento da Revolução Francesa e da Revolução Industrial.

Como as gerações de classe trabalhadoras lidaram com as alterações de concepção de tempo?

A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda geração formou os seus comitês em prol de menos tempo de trabalho no movimento pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual adicional (1,5%) pelas horas trabalhadas fora do expediente. Eles tinham aceitado as categorias de seus empregadores e aprendido a revidar os golpes dentro desses preceitos. Havia aprendido muito bem a sua lição, a de que tempo é dinheiro.

Na contemporaneidade, quais perspectivas caracterizam a crise do capitalismo e o lugar da luta de classes?

As perspectivas indicam a face destrutiva do capitalismo, que não tem mais parâmetros para autorregulação. Enquanto a luta de classes, organizada de forma partidária, se esmoreceu, novos atores e pautas sociais acabaram por fragmentar o projeto de uma sociedade igualitária, nos moldes do socialismo e comunismo.

Resumo da Unidade

Nesta aula aprendemos como o capitalismo teve várias fases, sendo a sua fase industrial resultado do triunfo da burguesia, fracasso das revoluções políticas. Além disso, analisamos a crise do capitalismo e as lutas de classes contemporâneas. Também aprendemos sobre a disciplinarização do trabalho e mudanças na relação com o tempo.

Para tanto, recorreremos a Eric Hobsbawm e a Paul Thompson, Karl Marx, entre outros. Assim, procuramos discutir o capitalismo e suas contradições, tendo em vista seu processo histórico e relações com o presente.

Referências da Unidade

- BRAZ, M. Capitalismo, crise e lutas de classes contemporâneas: questões e polêmicas. [Revista Serviço Social & Sociedade](#). São Paulo, n. 111, p. 468-492, jul./set. 2012.
- CARATCHUK, A. [Justiça para George Floyd](#). UOL, [s.d.]
- [DIA da Sobrecarga da Terra | Overshoot Day](#). WWF, [s.d.]
- FLINN, M. W. (Ed.) **The law book of the Crowley Ironworks**. Durham, Inglaterra: Surtees Society, 1957 apud THOMPSON, 1998, p. 289-290.
- HOBBSAWM, E. J. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSAWN, E. [A era do capital](#): 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- PETRONIO, R. Os Nuer. [Pesquisa Fapesp](#). v. 111, maio 2005, p. 96-97.
- QUE horas ela volta? [Adoro Cinema](#), 2015.
- SILVA, L. C.; MORELI, A. P.; JOAQUIN, T. N. M. Café: beneficiamento e industrialização. In: MARCOLAN, A. L.; ESPINDULA, M. C. (Eds.) [Café na Amazônia](#). Brasília, DF: Embrapa, 2015.
- STEVE CUTTS. [MAN](#). 2012.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Para aprofundar e aprimorar os seus conhecimentos sobre os assuntos abordados nessa unidade, não deixe de consultar as **referências bibliográficas básicas e complementares** disponíveis no **plano de ensino** publicado na página inicial da disciplina.